

REVISITANDO "VISÃO DO PARAÍSO" *

João Ricardo de Castro CALDEIRA**

Através do presente texto, pretende-se apresentar, de forma sintética, o livro **Visão do Paraíso**, de Sérgio Buarque de Holanda. Ressalta-se, desde já, o caráter provisório deste resumo, dado a obra em apreço ser extremamente fecunda e, portanto, passível de outras leituras que ressaltem aspectos não aprofundados ou mesmo não identificados nestas breves linhas.

Visão do Paraíso foi, originalmente, apresentada como Tese universitária, defendida durante o Concurso para provimento da Cátedra de História da Civilização Brasileira do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em novembro de 1958, no qual Sérgio Buarque de Holanda foi aprovado. Trata-se, portanto, de trabalho realizado por intelectual que, à época, já ocupava posição proeminente dentro e fora dos círculos acadêmicos brasileiros. Daí uma das principais características da obra, a sua alta erudição, acumulada por seu autor durante sua trajetória intelectual.

Para este resumo, serviu de base a segunda edição do livro, publicada no ano de 1969¹. Apresenta-se dividido em doze capítulos, e acrescido de um prefácio. A Tese original dividia-se em apenas sete capítulos. No entanto, não será aqui realizado um confronto dessas duas versões.

Apesar de seu caráter extremamente erudito, o livro não é de difícil compreensão, pois o autor procura deixar o mais claro possível, ao leitor, quais

(*) Texto apresentado como parte das atividades do Grupo de Trabalho "Historiografia Brasileira" do CEDHAL-USP, durante reunião ocorrida em 20 de março de 1997.

(**) Doutorando em História Social-USP. Pesquisador do CEDHAL-USP (Grupo de Trabalho "Historiografia Brasileira").

(1) HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP, 1969. (Brasiliana, volume 333).

as postulações que pretende demonstrar. Destas, passo a abordar aquelas que apreendi durante minha leitura.

A principal idéia formulada no livro é apresentada, resumidamente, em seu primeiro parágrafo. O autor assim a exprime:

*"O gosto da maravilha e mistério, quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos marítimos, ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhentistas dos portugueses sobre o Novo Mundo."*²

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, as possíveis explicações para esse fenômeno seriam, em primeiro lugar, o fato da sensibilidade para o exótico estar amortecida nos portugueses, devido a seu contato com terras e povos estranhos já ser antigo e constante, à época dos descobrimentos, e, em segundo lugar, por que os lusitanos ainda estariam, então, mais fascinados pelo Oriente que pelo continente americano.

Para demonstrar tal assertiva, bem como outras que levanta, o autor recorreu, enquanto fontes, a obras de literatura clássica e medieval, bem como às narrativas dos cronistas e colonizadores espanhóis e portugueses. Comparando estas últimas, nas quais percebe ser constante a presença de imagens do Paraíso de origem cristã e pagã, cujo desenvolvimento se deu durante a Idade Média (primavera perene, longevidade humana, clima sempre ameno etc.), observa, entre os portugueses, a tendência a atenuar os temas edênicos, reduzindo-os ao plausível, ao verossímil. Conclui, a partir daí, que, na colonização lusitana das Américas, a atmosfera mágica presente no restante do continente teria sido bastante arrefecida. Daí afirmar que "todo o mundo lendário nascido nas conquistas castelhanas e que suscita eldorados, amazonas, serras de prata, lagoas mágicas, fontes de juventude, tende antes a adelgaçar-se, descolorir-se ou ofuscar-se, desde que se penetra na América lusitana"³.

Ainda na perspectiva do autor, os motivos edênicos presentes na colonização brasileira tiveram sua origem nas conquistas espanholas. Mesmo na busca dos tesouros brasileiros, os portugueses foram animados pelo sucesso espanhol na localização de minas de prata. Assim, via-se nas riquezas brasileiras um prolongamento daquelas descobertas na América espanhola. Conclui, a partir daí, que "o que no Brasil se queria encontrar era o Peru. Não era o Brasil"⁴.

(2) id., *ibid.*, p. 1.

(3) id., *ibid.*, p. 126.

(4) id., *ibid.*, p. 99.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, esse arrefecimento dos elementos fantásticos entre os colonizadores portugueses relacionava-se, entre outros fatores, ao poder centralizador da Coroa, "absorvente e disciplinadora das vontades individuais e que, por isso, deixa pouco lugar à fantasia turbulenta dos heróis da Cavalaria"⁵. Por isso, se, por um lado, a afirmação do poder monárquico conferia modernidade ao Portugal quinhentista, ao mesmo tempo a permanência da repressão ao maravilhoso apresentava-se como elemento conservador, dado remontar aos tempos medievais. Ou seja, nas palavras do autor, se a preponderância da Coroa era, sem dúvida, moderna, tratava-se, no entanto, "de uma simples fachada que mal encobria os traços antiquados sobretudo *aforma mentis* vinculada ao passado e avessa, por isso, à especulação e à imaginação desinteressadas do humanismo renascentista"⁶. Por isso, afirma, conviviam em Portugal, à época dos descobrimentos, a novidade e o tradicionalismo.

Outro exemplo do conservadorismo português, de acordo com o autor, eram a persistência e o predomínio da colonização litorânea, já aplicada pelos lusitanos na África e na Índia, e repetida no Brasil. Essa forma de colonização, mais sujeita ao controle da Coroa, "poderia resultar, além do exemplo italiano, de uma fidelidade a padrões e imagens familiares a um país onde a parcela mais ativa da população se adensava junto às praias, às bocas dos rios navegáveis (...)"⁷. De todo modo, conclui que o que os portugueses queriam ver no novo mundo era um novo Portugal.

Assim é que, do mesmo modo que os portugueses sempre se dedicaram "à faina do comércio e também aos misteres da navegação, das pescarias, do tráfego das salinas"⁸, do mesmo modo sua colônia viveria "a bem dizer, do exterior e para o exterior"⁹. O Eldorado brasileiro, para além das minas, era o da terra fértil, da qual se extrai, até o esgotamento e sem qualquer retribuição, os gêneros comercializados no estrangeiro.

Para concluir este breve resumo, pode-se ressaltar que, ao estudar a difusão da imagem do Éden no período dos grandes descobrimentos, Sérgio Buarque de Holanda consegue, de forma contundente, demonstrar que também os mitos possuem historicidade.

(5) id., *ibid.*, p.129.

(6) id., *ibid.*, p. 130.

(7) id., *ibid.*, p. 99.

(8) id., *ibid.*, p. 321.

(9) id., *ibid.*, p. 322.